



A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO: A ESCOLHA DO CURSO SUBSEQUENTE NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Paulete Constantino Cerqueira¹
Maria do Socorro Ferreira dos Santos²

RESUMO

A escolha da mulher por estudar em um curso de uma área tradicionalmente masculina constitui o tema deste trabalho, escrito a partir de uma pesquisa que está sendo realizada no ambiente escolar do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) – Campus São Miguel dos Campos. O seu objetivo é compreender os aspectos sócio-histórico-emocionais que envolvem a mulher que escolhe estudar em um curso de uma área tradicionalmente masculina. A pesquisa também visa ampliar o debate no IFAL, focando as questões de gênero, ensino e trabalho. O estudo investigativo é caracterizado como uma pesquisa-ação, de cunho quanti-qualitativo, e o instrumento metodológico utilizado foi o questionário semiestruturado. Os dados apontam para a necessidade de ampliar as pesquisas envolvendo a temática gênero e EPT, no sentido de pensar a educação como equânime e promotora de pensamento crítico, para estimular discussões que fortaleçam a equidade de gênero, no IFAL e na sociedade.

Palavras-chave: Gênero, Educação Profissional e Tecnológica, Ensino.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é conhecer os motivos que levaram à escolha do Curso Técnico Subsequente em Segurança do Trabalho por mulheres, após a conclusão do ensino médio, no Instituto Federal de Alagoas, Campus São Miguel dos Campos. Para tanto, seu ponto de partida é compreender os aspectos sócio-históricos da dinâmica de reprodução do capital, como influenciaram o processo de inserção (ou não inserção) da mulher no mundo do trabalho e como a educação omnilateral pode modificar este cenário.

Para entender melhor essa questão, faz-se necessário percorrer historicamente alguns momentos que trazem reflexões essenciais para o desenvolvimento do projeto, tais como: a importância do trabalho na vida humana, em suas dimensões ontológica, epistemológica e ético-política; a importância do papel a ser desempenhado pela

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT - IFAL. Psicóloga do Campus São Miguel do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas – IFAL. e-mail: paulete.cerqueira@ifal.edu.br

² Doutora Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), Professora do Campus Marechal Deodoro e do Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT - IFAL. e-mail: socorro.santos@ifal.edu.br.



educação omnilateral na formação para o trabalho, como princípio educativo, e por último, mas de forma alguma menos importante, a dimensão da relação capital na estratificação precarizada do trabalho feminino e, em consequência, no seu papel social subalterno.

A legislação educacional brasileira, apesar de alguns avanços, ainda aborda de maneira velada as questões de gênero, principalmente quando traz esse tema de forma transversal ou quando se aproxima dos assuntos relacionados à orientação sexual. Neste viés, é imprescindível pensar no tema quando se estuda a educação profissional e tecnológica, pois historicamente o Brasil se inseriu de forma subordinada aos centros hegemônicos do capital, na divisão internacional do trabalho produzida com a internacionalização do modo de produção capitalista. Dentro desta inserção, o trabalho feminino ainda é – e sempre foi – mal pago, precarizado e menos valorizado.

Luxemburgo descreveu em seu texto “A Proletária” a história da mulher no mundo do trabalho:

A mulher do povo teve de trabalhar pesado desde sempre. Na horda bárbara ela carrega o peso, coleta alimentos; no povoado primitivo, planta e mói o cereal, faz panelas; na Antiguidade, como escrava, serve os senhores e amamenta os rebentos; na Idade Média, fiava para o senhor feudal. Mas, desde que existe a propriedade privada, na maioria das vezes a mulher do povo trabalha separada da grande oficina na produção social, ou seja, separada também da cultura, encurralada na estreiteza doméstica de uma pobre existência familiar.[...]É apenas na proletária moderna que a mulher se toma um ser humano, pois é apenas a luta que produz o ser humano, a participação no trabalho cultural, na história da humanidade (LUXEMBURGO, 1914, p.1).

Ainda sobre essa revisita histórica, Engels escreveu que a história do papel da mulher na sociedade está inscrita na da família, e esta se insere no surgimento da propriedade privada e do Estado. “A origem da família, da propriedade privada e do Estado” é uma de suas obras mais importantes. Neste livro, ele pontua que a sociedade antiga, baseada em uniões gentílicas, desaparece, em virtude do aparecimento das novas classes sociais, transformando-se em uma nova sociedade organizada em Estado, em que “o regime familiar está completamente submetido às relações de propriedade e na qual têm livre curso as contradições de classe e a luta de classes, que constituem o conteúdo de toda a história escrita até os nossos dias” (ENGELS, 1984, p. 3).

Morgan, em seu livro Sociedade Antiga, de 1877 (apud ENGELS, 1984, p. 16), no qual divide as etapas do estudo da sociedade humana em Estado Selvagem, Barbárie



e Civilização, descobriu, estudando as tribos norte-americanas, a gens de direito materno (círculo fechado de parentes consanguíneos por linha feminina, que não podem casar uns com os outros), que deu origem à gens baseada no direito paterno, como é encontrada entre os povos civilizados da Antiguidade, gregos e romanos. Para Engels,

O descobrimento da primitiva gens de direito materno, como etapa anterior à gens de direito paterno dos povos civilizados, tem para a história primitiva a mesma importância que a teoria da evolução de Darwin para a biologia e a teoria da mais-valia, enunciada por Marx, para a economia política. Esta descoberta permitiu a Morgan esboçar, pela primeira vez, uma história da família (ENGELS, 1984, p.17).

A importância da mudança da gens de direito materno para o paterno é assim enfatizada por Engels (1984, p. 61): “O desmoronamento do direito materno (foi) a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo” (grifo do autor).

Marx arremata a visão social, econômica e política da manobra masculina que subverteu o direito de herança materna, que resultou na passagem ao patriarcado: “Casuística inata nos homens a de mudar as coisas mudando-lhe os nomes! E achar saídas para romper com a tradição sem sair dela, sempre que um interesse direto dá o impulso suficiente para isso” (MARX, apud ENGELS, 1984, p. 60).

Uma breve retrospectiva da história da família pode explicar como chegamos à atual situação feminina precarizada e discriminatória – tanto no âmbito social como no econômico. Morgan chega a esta conclusão

Existiu uma época primitiva em que imperava, no seio da tribo, o comércio sexual promíscuo, de modo que cada mulher pertencia igualmente a todos os homens e cada homem a todas as mulheres. (Essa descoberta) não conduz a nenhum estado social de promiscuidade entre os sexos e sim a uma forma muito posterior: o matrimônio por grupos (MORGAN, apud ENGELS, 1984, p.31).

A transformação do matrimônio por grupos para a monogamia, segundo Engels, deve-se essencialmente às mulheres. Explica ele que as antigas relações sexuais, por várias mudanças na configuração da sociedade primitiva, configuraram-se como opressoras para elas, que passaram a desejar a castidade – a possibilidade de dizer não aos homens – e o direito ao matrimônio, temporário ou definitivo, com um só homem, como uma libertação. Engels continua a clarificar o papel inovador da mulher nessa questão

Esse progresso não deveria ser devido ao homem, pela simples razão, que dispensa outras, de que jamais, ainda em nossa época, lhe passou pela cabeça a ideia de renunciar aos prazeres de um verdadeiro matrimônio por grupos. Só



depois de iniciada pela mulher a passagem ao casamento (...), é que foi possível ao homem introduzir a verdadeira monogamia – na verdade, somente para as mulheres (ENGELS, 1984, p. 56).

A leitura deste livro de Engels revela uma visão igualitária entre os sexos, muito à frente de seu tempo, e reforça a clareza com que o materialismo dialético compreende as questões cruciais da sociedade, entre elas principalmente a formação do capitalismo.

No Brasil, a colonização se inicia com “o estabelecimento de uma economia dependente, servindo aos interesses de um florescente capitalismo mercantil europeu” (SAFFIOTI, 2013, p. 203). A economia escravocrata brasileira caracterizou-se como exportadora de produtos primários, assumindo um papel bem delineado na comunidade capitalista internacional, “sempre dependente (...) do país ou países dominantes do referido sistema (internacional)” (FURTADO, apud SAFFIOTI, 2013, p. 204). Através dos mais de trezentos anos de escravidão como no estabelecimento do modo capitalista de produção de mão-de-obra assalariada e, de resto, até os dias atuais,

a economia brasileira foi sempre determinada de fora, (...) sua história é a de uma constante e renovada rearticulação no sistema capitalista internacional, no qual sempre coube ao Brasil (...) a posição de uma peça auxiliar da engrenagem de um sistema autopropulsor (SAFFIOTI, 2013, p. 205).

Nos primórdios da sociedade brasileira, era universal entre as mulheres “a aceitação da completa supremacia do homem sobre a mulher no grupo familiar e na sociedade em geral” (SAFFIOTI, 2013, p. 246). A mulher era privada do direito à propriedade territorial e, quando enviuvava, herdava a terça parte dos bens. Entretanto, se a viúva se casasse novamente, perdia a herança e o direito a criar os filhos do primeiro casamento. A abolição da escravatura, em 1888, estabelece diferenças também entre homens e mulheres: o ex-escravo poderia ter o direito a votar em seus representantes, enquanto as mulheres só tiveram esse direito garantido em 1934, no governo Vargas.

A situação da mulher no Brasil, em relação ao homem, permanece desigual. Aqui, a mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem, segundo o IBGE (BRASIL, 2018a). Em 2016, as mulheres na faixa etária entre 15 a 17 anos de idade tinham frequência escolar líquida (ou seja, frequentavam escola no nível de ensino apropriado à sua faixa etária) de 73,5% para o ensino médio, enquanto os homens perfaziam 63,2%. Na questão do trabalho, as mulheres contam três horas a mais, por semana, do que os homens, combinando trabalhos remunerados, cuidados com pessoas e afazeres no lar. Possuindo mais anos de escolaridade e trabalhando mais horas, elas ainda



recebem, em média, 76,5% do salário que os homens recebem pelo mesmo trabalho. Com nível superior completo ou maior, a diferença era ainda maior: as mulheres recebiam 63,4% do rendimento dos homens em 2016.

No entanto, na questão educacional, os índices relativos às mulheres vêm mostrando a sua presença crescente e majoritária. Segundo os mais recentes dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP),

As mulheres são maioria nos cursos profissionais da Educação Básica. Dados do Censo Escolar 2018, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostram a predominância de alunas em todas as faixas etárias, com exceção dos alunos com mais de 60 anos. A maior diferença observada entre os sexos está na faixa de 40 a 49 anos, em que 60,7% das matrículas são de mulheres. Para o Censo Escolar, educação profissional engloba cursos de formação inicial e continuada ou de qualificação profissional articulado à EJA ou ao ensino médio; ou cursos técnicos de nível médio nas formas articuladas (integrada ou concomitante) ou subsequente ao ensino médio. (BRASIL,2018b)

Essa tendência constatada nacionalmente no Censo Escolar também pode ser verificada em nosso campo de pesquisa. De 2016 a 2020, a porcentagem de candidatas do gênero feminino no Campus São Miguel dos Campos vem sendo maior do que a dos do gênero masculino, bem como a de aprovadas no concurso, como pode ser observado nas tabelas a seguir:

Tabela 1: Inscrições nos processos seletivos no Campus São Miguel dos Campos

Inscritos/as	2016	2017	2018	2019	2020
Homens	219	175	133	132	63
Mulheres	395	321	201	331	158
TOTAL	614	496	334	463	221

Fonte: (IFAL, 2020)

Com os dados das inscrições em mãos, passamos a compará-los com os dados das aprovações.



Tabela 2: Aprovações nos processos seletivos no Campus São Miguel dos Campos

Aprovados/as	2016	2017	2018	2019	2020
Homens	67	57	67	55	28
Mulheres	93	103	93	105	52
TOTAL	160	160	160	160	80

Fonte: (IFAL, 2020)

Os dados apontam que, em cinco anos, a média de mulheres inscritas para os concursos de seleção para o Curso de Segurança do Trabalho no IFAL Campus São Miguel dos Campos corresponde a 66% do total, e que a média de mulheres aprovadas equivale a 62% do total de aprovados/as.

Essas informações reforçam a importância de se pensar a educação como equânime e promotora de pensamento crítico. As alunas superam uma história de preconceito e discriminação ao se fazerem presentes de forma significativa nos processos seletivos e nas salas de aula. Vemos uma educação que promova uma sociedade mais justa e harmônica como uma oportunidade de efetivação da equidade na sociedade. Como diz Correa, apud Maio (2018), "a discussão sobre as desigualdades de gênero dentro da educação tem uma função libertadora para as identidades que destoam das regras sociais padronizadas" (MAIO, 2018, p.12). No melhor sentido do feminismo interseccional, que perpassa pela luta contra o racismo e pela luta de classes, quando discutimos o lugar da mulher na sociedade percebemos que as diferenças, todas elas - de raça, etnia, classe, idade, corpo, deficiência -, devem não apenas ser aceitas, mas celebradas, na construção de uma sociedade plural e verdadeiramente inclusiva.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi utilizada como metodologia a pesquisa-ação, que "propõe uma ação deliberada de transformação de realidades, trazendo em seu arcabouço uma dupla proposta como objetivo: a transformação da realidade investigada e a produção do conhecimento" (TANAJURA; BEZERRA, 2015, p. 2). O instrumento metodológico escolhido foi o questionário semiestruturado que através de questões abertas, proporciona às participantes da pesquisa maior liberdade, e



através das fechadas, confere ao pesquisador maior facilidade de tabulação dos dados. (GIL 1999, *apud* CHAER *et al.* 2011, p.260). A pesquisa foi dividida em duas etapas.

Na primeira, foram procuradas a Direção Geral, a Chefia de Departamento, a Coordenação do Curso e a Coordenação do Apoio Acadêmico da Assistência Estudantil, para explicar como seria a pesquisa e solicitar a sua anuência por escrito, via e-mail, nos termos de autorização. Em seguida, os questionários foram enviados no formato de formulários Google, após contato com as alunas via grupo de Whatsapp.

Após a aplicação do questionário online, foi realizada a análise de conteúdo que, segundo Silva e Fossá (2015),

é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos. (BAUER; GASKELL, 2002, *apud* SILVA; FOSSÁ, 2015, p.2)

Nessa etapa, as análises foram realizadas tomando como base as respostas das alunas ao questionário e organizadas em categorias de análise que serão apresentadas a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desta pesquisa 25 alunas concluintes do Curso de Segurança do Trabalho do Campus São Miguel, uma amostragem expressiva que equivale a mais de 50% do total de discentes matriculadas nas duas turmas concluintes do Curso de Segurança do Trabalho no semestre 2020, ou seja, 47 alunas nas duas turmas.

O Campus de São Miguel dos Campos foi inaugurado em 2010 e passou desde então a ofertar o Curso Subsequente de Técnico em Segurança do Trabalho. A Prefeitura de São Miguel dos Campos cedeu um espaço dentro de uma escola municipal, que deveria ser uma sede provisória, porém acabou sendo a única até hoje. Trata-se de uma instalação que é insuficiente para atender às necessidades do Campus. A sede definitiva está sendo construída, e deverá ser entregue até o ano de 2021.

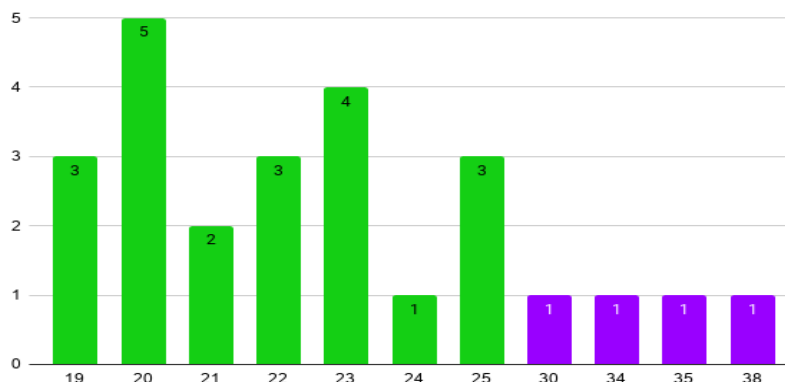
O processo seletivo vem acontecendo duas vezes por ano, com 80 vagas ofertadas a cada semestre, sendo 40 no turno vespertino e 40 no turno noturno. A relação candidatos/vaga era maior no início do funcionamento do Campus. Desde então, tem



havido uma diminuição de oferta de trabalho na região; várias usinas sucroenergéticas fecharam e a crise financeira afetou a cidade, como ao resto do Estado. Observando essa realidade, decidimos nesta pesquisa conhecer os motivos que levaram essas mulheres, agora concluintes, a escolher o Curso Subsequente de Segurança do Trabalho no IFAL São Miguel dos Campos.

Inicialmente, no gráfico 1 podemos observar que as participantes da pesquisa situam-se entre 19 e 38 anos. A maioria encontra-se na faixa etária entre 19 e 25 anos, um total de 21 alunas, representando uma porcentagem de 84% da amostra. As participantes acima de 25 anos representam 16%.

Gráfico 1 - Idade das discentes



Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Destacamos nesse momento as motivações que levaram as discentes a escolher o curso no IFAL. Para isso, organizamos essas motivações em subcategorias dispostas no quadro a seguir.

Quadro 1: Motivação da escolha do curso

Unidades de registro	Respostas das participantes
Nova profissão	<p>Para tentar entrar em uma boa profissão.</p> <p>Antes de me inscrever no curso fui pesquisar mais sobre e gostei muito da profissão.</p> <p>Por que é uma profissão em que quero trabalhar e exercitar as minhas experiências, e essa profissão é a mais bela e responsável que eu já vi.</p>



	<p>Para poder ter um curso técnico além da faculdade, para que futuramente se eu vir a precisar deste (como forma de uma segunda profissão eu estarei assegurada.</p> <p>Porque acho que o curso/profissão é de muita importância no ambiente do trabalho.</p> <p>Para ter aprendido sobre a área e ter uma oportunidade de trabalho.</p>
Mais conhecimento depois do ensino médio	<p>Pelo desejo de obter conhecimento sobre questões que permeiam o ambiente laboral, para aperfeiçoar meu currículo e O curso foi uma das maneiras que encontrei para obter mais conhecimento e pensar em uma carreira profissional futuramente.</p> <p>Aprender novos conhecimento.</p> <p>Com o intuito de enriquecimento educacional e do meu currículo.</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Procedendo à análise pela codificação em unidades de registro, classificamos na unidade de registro “nova profissão”, como subcategoria inicial, as respostas das participantes que externaram essa escolha do curso de forma expressa. Também foram classificadas na unidade as respostas que utilizaram a palavra **profissão**, bem como palavras que estão contidas na denominação do curso de Segurança do Trabalho, como: segurança, trabalhador e ambiente do trabalho.

Foram agrupadas na unidade de registro “mais conhecimento depois do ensino médio” as respostas que não expressaram uma escolha específica, falaram em conhecimento e enriquecimento educacional

Ao analisarmos os dados apresentados, vemos que a maioria expressiva das alunas está na faixa mais próxima do final do Ensino Médio, tendo optado pela escolha de uma formação profissional subsequente antes de cursar o ensino superior. As participantes com mais de 25 anos são mulheres que não continuaram seus estudos e evidenciam a importância do curso na região, ao atrair egressas do Ensino Médio distantes dos bancos escolares há muito tempo, de 12 a 20 anos, aproximadamente, após a idade regular de conclusão. Para essas mulheres, ser aprovada nesta seleção pode significar uma oportunidade de um futuro que muitas já não tinham esperança de alcançar, constituindo



um recomeço e um desafio. Trata de uma qualificação profissional de qualidade com o tempo de duração mais curto em relação ao curso superior, e pode dar a formação necessária para o ingresso ou reingresso no mundo do trabalho.

A formação no Instituto Federal, além de proporcionar uma formação técnica de qualidade, vai além de dar apenas informação. O acesso à pesquisa e extensão, a professores com sólida formação confere aos alunos o alargamento de horizontes, que muitas vezes os/as leva à continuação dos estudos após a conclusão do curso subsequente. Nesta escolha, as alunas percebem a diferença entre uma formação eminentemente técnica e a educação omnilateral defendida pelos Institutos.

concebendo o trabalho como princípio e processo educativo e vinculando-se às práticas produtivas, à consciência e definição dos fins das ações humanas, ao domínio intelectual, abre-se para a possibilidade de um processo de formação humana em todas as dimensões, para a transformação e a emancipação do ser humano” (BONAMIGO, 2014).

Nesse sentido, é importante lembrar que ingressar no IFAL, uma escola pública que busca a qualidade social nos seus diversos cursos de qualificação profissional, possibilita a essas discentes um olhar diferenciado sobre seus direitos. Sobre essa questão, destacamos que

O compromisso com a emancipação humana, individual e coletiva não pode ser dissociado daquilo que atinge todas as dimensões materiais da existência, nela inclusos os usos sociais do corpo, inteiramente atravessado pelo pertencimento de classe (BOLTANSKI, 2004), e as interações simbólicas nas quais ele está imerso, como aquelas operadas na feitura do gênero (SOUZA, LIMA NETO, 2019, p. 240)

Diante desses dados, e de tudo o que foi discutido até o momento, podemos destacar dois aspectos essenciais. O primeiro aspecto diz respeito à questão de que o Curso Técnico subsequente para essas discentes no interior de Alagoas é, possivelmente, a única chance de mudar uma realidade social, mudar a “profissão”, uma vez que diversos motivos não permitiram a continuidade dos seus estudos através do ensino superior. Já o segundo aspecto remete à questão de que, apesar de o compromisso com a emancipação humana e o respeito à diversidade estarem presentes em todos os documentos institucionais, percebemos que no IFAL, e nos Institutos de uma forma geral, as questões que envolvem gênero ainda merecem muita atenção de todos os envolvidos, de toda a comunidade acadêmica.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem. Possuindo mais anos de escolaridade e trabalhando mais horas, ela ainda recebe, em média, 76,5% do salário que o homem perfaz.

Na segunda metade do século XX, as mulheres brasileiras declaravam imposto de renda em conjunto com o marido (com o mesmo CPF) e precisavam da autorização dele por escrito para trabalhar ou para viajar com um filho em comum. Podemos perceber também que houve avanço, especialmente no início do século XXI, quando as mulheres passaram a se destacar na área das ciências e quando superaram o grau de instrução formal em relação aos homens. No entanto, ainda se constituem apenas 29,3% do total de pesquisadores das áreas de engenharia e nas ciências exatas. Esse dado evidencia que a busca da profissão em áreas consideradas tradicionalmente masculinas ainda é uma realidade para nós.

A escolha deste tema, além de constituir um assunto relevante na trajetória pessoal e profissional das autoras, revela-se de importância para os profissionais da educação, para os/as discentes e para a sociedade como um todo. Sem o pleno envolvimento educacional, social e político das mulheres e de todas as diversidades, de gênero, etnia, classe, teremos uma sociedade a meio caminho do seu pleno desenvolvimento.

A pesquisa aqui iniciada enseja desdobramentos no sentido de ampliar o seu olhar para considerar, a partir da escolha da profissão, a experiência vivida e as discussões que podem surgir entre os/as atores envolvidos no sentido de fortalecer a equidade de gênero, no IFAL e na sociedade, usando a própria fala das alunas, sua percepção e suas vivências.³

³ O artigo teve origem no projeto EDUCAÇÃO, TRABALHO E GÊNERO: O LUGAR DA MULHER NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E NO TRABALHO EM ALAGOAS, desenvolvido no Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT - IFAL) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário CESMAC, em 8 de julho de 2020, com o Parecer nº 4.142.846.

REFERÊNCIAS

- BONAMIGO, C. **Limites e possibilidades históricas à educação omnilateral** Florianópolis: Educere, v. 14, n. 1, p. 83-101, jan./jun. 2014.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem**, 2018a. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem> Acesso em: 03. mar. 2020
- _____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Mulheres são maioria na educação profissional e nos cursos de graduação**, 2018b. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-profissional-e-nos-cursos-de-graduacao/21206 Acesso em 3 nov. 2019.
- CHAER, G., DINIZ, R., RIBEIRO, E. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf Acesso em: 12 set.2019.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- LUXEMBURGO, R. **A proletária**. Textos escolhidos vol. I. Organizado por Isabel Loureiro - Editora UNESP, páginas 493-496. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1914/03/05.htm> Acesso em: 22 nov. 2019.
- MAIO, E.(Org.) **Gênero e sexualidade** - interfaces educativas. Curitiba: Appris, 2018.
- SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes** – mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 3ª Ed. 2013.
- SILVA, A., FOSSÁ, M. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. Qualit@s Revista Eletrônica ISSN 1677 4280 Vol.17. No 1 (2015) Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403> Acesso em 30 jul. 2020.
- SOUZA, L.,LIMA NETO, A.**Fazendo gênero na educação profissional: notas epistemológicas a partir do estado de conhecimento sobre educação profissional e gênero na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (2008-2019)**, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/13063> Acesso em 10 ago. 2020.
- TANAJURA, L., BEZERRA, A.. **Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent** – aproximações e especificidades metodológicas. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/408> Acesso em 1º nov. 2019.